

A vida no "Foreign Office"

Por SIR ROBERT VANSITTART

Tradução de Alberto Rocha

COMECEI a fazer parte do *Foreign Office* há trinta e sete anos. Eram aqueles dias espaçosos e — comparados com os que vivemos — cheios de vagares. Havia mesmo tempo para manias. Nós costumávamos comparecer ao meio-dia, suspendíamos o trabalho a uma e trinta para o lanche e encerrávamos o expediente às seis. E apenas alguns anos antes um jovem — admito que ele foi despedido — costumava circular pelas secções durante a tarde com dois baralhos de carta no bolso da aba do fraque. Naquela época nós andávamos a maior parte do tempo de fraque e cartola.

Entre para o *Foreign Office* rebentando de zelo e com a cabeça cheia de Talleyrand e Metternich; mas, durante muito tempo, tudo o que tinha a fazer era cifrar e copiar — por extenso. Por fim vi num canto, em uma tarde memorável, uma coisa coberta com um encerado poeirento, como aquele canhão inocente que a gente vê quando desembarca em Dover. Retirei o encerado e debaixo estava algo que eu jamais vira — uma máquina de escrever. "Bem, isso deve ser divertido", pensei comigo mesmo e, em vez de copiar a mão um despacho, sentei-me para martelá-lo com um só dedo, o que provocou verdadeira fúria nos mais antigos do que eu, que caíram-me em cima exclamando: "Para que está V. brincando com essa coisa? Não sabe que nós temos pressa!"

Fazer cópias por extenso lembra um daqueles velhos veneráveis que eram nossos embaixadores quando eu me iniciei na carreira — está claro que para um rapaz eles pareciam incrivelmente velhos. Uma vez por semana ele costumava por a cartola

e fazer uma visita ao Ministro do Exterior do país junto ao qual estava acreditado — cujas suíças grisalhas lhe davam um ar igualmente venerável — e de volta fazia relatório minucioso de tudo o que se passara, que os Secretários tinham que copiar por extenso, para ser remetido ao *Foreign Office*. Os seus despachos seguiam esta norma: "Eu disse a Sua Excelência", "Sua Excelência me disse", e assim continuavam... tal como num jogo de "Consequências". Mas o último período era sempre o mesmo: "Não empresto, contudo, qualquer importância ao que Sua Excelência diz".

Mas não vão pensar que não se levava a sério o *Foreign Office* de antigamente. Nós nos tomávamos muito a sério há quarenta anos. Os homens, aliás, sempre consideraram a si mesmos com seriedade e talvez seja por isso que eles erram tão frequentemente.

A organização da nossa máquina moderna não é complicada. Ao Secretário de Estado segue-se imediatamente um Sub-Secretário Permanente, que é auxiliado por quatro ou cinco Sub-Secretários Assistentes, cada um deles responsável por um grupo de departamentos — esses últimos são funcionários de carreira; e, num plano diverso, um Sub-Secretário Parlamentar que o auxilia no trato com as duas Casas do Parlamento e nas comunicações que ali faz; este cargo é exercido por um político que não têm a categoria de membro do Gabinete. Ao lado dos Departamentos da Secretaria de Estado há um pequeno número (agora são quatro) de Consultores Jurídicos, porquanto muitas das questões de que tratamos interessam estreitamente ao direito internacional, tanto públi-

co como privado. Os departamentos políticos da Secretaria de Estado estão ordenados pelo critério geográfico. São em número de oito.

É claro, contudo, que esse não pode ser o único critério de divisão do trabalho no *Foreign Office* — há certas questões que devem ser tratadas da mesma maneira por todo o mundo — e para esse fim há departamentos que tratam de todo um assunto independentemente da situação geográfica. O Departamento Consular, por exemplo, ocupa-se com a administração do Serviço Consular Britânico e dos negócios particulares dos súditos britânicos em todos os países estrangeiros. Esses negócios são de variedade infinita e podem ir da repatriação de um elefante britânico em apuros à importante reclamação contra um governo estrangeiro em virtude de denegação de justiça.

O Departamento de Tratados e os que lhe são subsidiários — a Repartição de Passaportes e o Departamento de Controle de Passaportes — ocupam-se com uma multidão de atividades, que se estendem das formalidades dos tratados à repatriação de lunáticos estrangeiros; questões de precedência e cerimonial, nacionalidade, casamentos no estrangeiro e outros enigmas do Direito Internacional, não esquecendo a administração dos Regulamentos Reais que governam o uso de ordens estrangeiras pelos súditos britânicos, que tem sido uma prerrogativa real ciosamente guardada desde o dia distante em que, diz-se, a Rainha Elizabeth, afrontada por dois dos seus cortejões que resplandeciam com as insígnias que lhes conferira um monarca estrangeiro, exclamou num acesso de ira real: "Os meus cachorros só usarão as minhas próprias coleiras!", e lançou-os à prisão.

A Biblioteca ocupa-se com os pedrões de informação histórica, com os congressos internacionais, científicos e literários, e com a legalização e autenticação de documentos de origem britânica, para seu uso perante a Justiça de outros países. Há também outros Departamentos que lidam com assuntos econômicos, o fornecimento de informações aos Domínios sobre a política exterior; e o importante Departamento de Instalações e Finanças.

Embora reuniões de funcionários e conferências tenham lugar, a maior parte do trabalho do *Foreign Office* é feito por escrito, pelo que é chamado "minutamento". Quando uma nota diplomática, carta ou telegrama é recebido, faz-se o registo e autuação, sobre a qual é datilografado um

resumo do assunto. Em seguida, juntam-se os papéis anteriormente recebidos sobre o mesmo caso e qualquer outro que contenha precedentes úteis (os nossos índices são muito bons e nós podemos reunir todo o material de interesse em tempo notavelmente breve) e remete-se tudo ao funcionário menos graduado do Departamento apropriado.

Hoje, concede-se aos funcionários novos toda oportunidade para que demonstrem a sua competência. Antigamente, os limites à sua ação eram muito mais restritos. O funcionário menos graduado manifesta a sua opinião sobre as medidas que devem ser tomadas e faz o papel subir ao seu superior imediato que, depois de ponderá-lo, o encaminha ao chefe do departamento. A maior parte dos papéis para aí; mas os de maior importância, é claro, sobem ainda mais — a um dos Sub-Secretários Assistentes, ao Sub-Secretário Permanente e os mais importantes ao próprio Secretário de Estado. Uma vez tomada a decisão final, o papel volta novamente à secção, para a elaboração de minuta que englobe todas as providências ordenadas, a qual, depois de aprovação final pelo chefe do departamento ou por um funcionário mais graduado, é datilografada e expedida.

Há o maior cuidado em evitar que o trabalho se processe em compartimentos estanques: todos os papéis são remetidos àquelas secções às quais ele possa interessar antes de ser tomada qualquer providência. Para isso, são eles colocados em caixas de madeira, cobertas com couro vermelho ou preto, e que circulam trancadas, cujas chaves, feitas pelo nosso próprio serralheiro, poucas pessoas possuem. Um rótulo de papel traz o nome do destinatário; se não há muita pressa em despachar o assunto, o rótulo é branco; um rótulo verde significa "dê andamento razoavelmente rápido"; e um vermelho significa "para ser despachado urgentemente".

No último meio século o trabalho do *Foreign Office* expandiu-se muito. Em 1902, no ano em que eu entrei para o Serviço, nós recebíamos umas cinquenta e quatro mil notas diplomáticas, telegramas e cartas, que deviam ser tratadas oficialmente, e o mesmo número de comunicações era expedido; em 1938, a correspondência recebida aproximou-se do quarto de milhão e a expedida montou a, pelo menos, cinco vezes o número dos papéis recebidos. Pode-se bem perguntar se isso é um sinal de eficiência crescente ou da preocupação humana de complicar a existência, pergunta

que eu talvez ainda tente responder. Por agora, direi apenas que esse *record* em ascensão não exprime toda a verdade.

O aumento do trabalho é mesmo maior do que parece à primeira vista. Antes da Grande Guerra o *Foreign Office* ocupava-se com grande número de assuntos de natureza comercial. Agora, exceto quando se trata de questões de princípio ou quando são entabuladas negociações com governos estrangeiros, os negócios comerciais são tratados pelo *Department of Overseas Trade*, que é o filho comum do *Board of Trade* e do *Foreign Office* — e filho também muito ativo. Além disso, no mundo mais simples de 1902, o *Foreign Office* administrava os negócios da Uganda, África Oriental, Somalilândia e Zanzibar — assuntos desde então acertadamente transferidos para o *Colonial Office*, porquanto não está nas atribuições do *Foreign Office* administrar. Depois da Guerra, contudo, houve um momento em que o *Foreign Office* e o *Colonial Office* disputavam a administração da Palestina. Constatado com satisfação que o *Foreign Office* perdeu.

Pode-se perguntar que crescimento teve o pessoal do *Foreign Office* para atender a esse aumento de trabalho. Em 1902 ali trabalhavam cerca de cento e cinquenta pessoas ao todo (das quais apenas oito eram mulheres, todas datilógrafas); presentemente, nós temos cerca de quatrocentos e vinte homens e trezentas e cinquenta mulheres. No *Department of Overseas Trade*, ao qual me referi, servem trezentos homens e cento e sessenta mulheres. As razões desse dilúvio constante de papéis são óbvias: basta olhar em torno de si e ver as condições do mundo atual, e *que mundo!*

Não pretendo, contudo, falar de assuntos políticos, e sim explicar a organização do *Foreign Office* e as suas relações com os Serviços Diplomático e Consular. O *Foreign Office* e o Serviço Diplomático estão agora reunidos num só corpo. Sempre houve um certo intercâmbio entre os dois — eu passei os primeiros anos no Serviço Diplomático — porém agora eles estão fundidos e um jovem quando se inicia na carreira serve alteradamente nos dois por muitos anos, provavelmente até atingir o posto de Ministro. As vantagens dessa amalgamação são claras: durante o seu trabalho na Secretaria de Estado, ele vê como os despachos vindos de fora são tratados; o que é considerado de valor e o que é relegado ao limbo; e em seguida, quando chega a sua vez de servir no exterior,

ele sabe o que e como informar ao Ministério. A antiga exigência de que um jovem diplomata dispuzesse de meios próprios está desde há algum tempo abolida (ela nunca constituiu uma regra no *Foreign Office*) e há muitos que vivem exclusivamente dos seus vencimentos. O ingresso nos serviços unidos faz-se por meio de concurso público. Antes dos candidatos se submeterem a exame devem comparecer perante uma Junta de Seleção, composta de indivíduos com experiência em diversas esferas de ação, que se reúne uma vez por ano e decide se os candidatos teem, *prima facie*, os requisitos adequados para o ingresso.

O Serviço Consular é separado do Serviço Diplomático e do *Foreign Office*, embora existam geralmente dois ou três cônsules trabalhando no *Foreign Office* e diversos postos à frente das Missões Diplomáticas no exterior sejam preenchidos por aqueles que se conduziram particularmente bem no trabalho consular. Há também o que é chamado Serviço Comercial Diplomático, em relações tanto com o *Department of Overseas Trade* como com o *Foreign Office*: daí proveem os Secretários Comerciais e os Conselheiros de todas as principais missões diplomáticas no exterior, com a importante missão de cuidar e encorajar o comércio britânico. Os candidatos ao Serviço Consular e ao Serviço Comercial Diplomático prestam os mesmos exames que os candidatos ao *Foreign Office* e ao Serviço Diplomático. Os membros desses Serviços são bem pagos e dificilmente pode haver uma vida melhor para um jovem ansioso em ver o mundo.

Só me foi possível dar um simples esboço do serviço em que passei toda a minha vida. É uma profissão curiosa porque a única da qual os de fora pensam saber mais que os de dentro. Essa ilusão não existe nas Ciências, nas Artes, no Comércio e no Direito; mas por isso a *nossa* profissão parece tão fácil porque ela depende da base imponderável da experiência. Se alguém souber que escrevi um livro sobre Astronomia ou Ginecologia, calculará que estou apenas imitando algumas das pessoas eminentes que escrevem cartas a "The Times" e essa imitação é a mais sincera forma de lisonja.

Os conceitos emitidos em trabalhos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores. A publicação de tais trabalhos nesta Revista é feita unicamente com o objetivo de facilitar o conhecimento de assuntos relacionados com a administração pública.